

O ator e a criação do personagem

LUIZ ALBERTO GONÇALVES



Dani Barros em cena como Estamira

Nos processos de pesquisa e da pré-atuação a fantasia é elemento fundamental para realizar a magia do teatro

LETÍCIA FRAZÃO E MARIA CLARA PARENTE

Quando notamos um ator no palco, logo somos levados a embarcar na fantasia por ele proposta a partir do movimento, da voz e do estado. Segundo o ator japonês Yoshi Oida, quando um bom ator aponta a lua, por exemplo, enxergamos a lua, mas apenas a partir da beleza do movimento corporal dele. A magia

teatral só ocorre, portanto, quando o ator se torna um meio para a materialização da fantasia do público. Mas como criar uma personagem a partir da mistura da fantasia do ator sobre aquele personagem, das ideias do diretor e de todos os outros profissionais envolvidos no espetáculo? A pesquisa é algo bastante individual apesar de várias técnicas já terem sido descritas em livros teóricos.

Para o crítico literário Jacob Guinsburg, independente do tipo de preparação antes das cenas, em cada uma delas o ator deve procurar por um processo que irá resultar em sua metamorfose. “O ator organiza seus meios expressivos enquanto durar a cena ou espetáculo. Antes deles, sua condição

de homem comum deve transmutar-se em um indivíduo cênico”, diz. Segundo ele, é como se o teatro pertencesse ao mundo imaginário e da fantasia, enquanto a pré-atuação fosse a porta de entrada.

Foi o que aconteceu com a atriz carioca Dani Barros, que se encantou com *Estamira*, documentário dirigido por Marcos Prado. O filme conta a história de uma catadora de lixo esquizofrênica que ficou famosa por seu discurso filosófico, que alternava entre a lucidez e a loucura. Dani percebeu que transformar o filme em uma peça de teatro poderia ser um desafio e uma forma de lidar com o trauma da morte de sua mãe. A atriz conta que sua mãe era bipolar, portanto cresceu indo a clínicas psiquiátricas e sempre questionou a forma como os pacientes eram tratados nesses lugares. “A peça, de alguma forma, representa o processo que eu nunca realizei com os médicos da minha mãe”, comenta. Para compor a personagem, Dani buscou ambientes que faziam parte do universo de *Estamira*, como o aterro sanitário Jardim Gramacho, onde ela trabalhava e morava. Esse conhecimento foi somado às vivências em clínicas durante a infância e sua experiência como palhaça com o grupo Doutores da Alegria.

O monólogo *Estamira - Beira do Mundo* estreou em 2011 e rendeu à atriz os prêmios Shell, APTR e Questão de Crítica. A peça entrou em cartaz novamente em março de 2016, no Teatro Poeira, no Rio de Janeiro, e encanta nos mínimos detalhes, que deixam claro o trabalho minucioso da atriz e diretora Beatriz Sayad. Dani compôs a *Estamira* a partir do olhar atento ao DVD do filme. “No final eu parei de ver, porque sempre achava que poderia ficar mais parecida.” A atriz ensaiava tanto que chegava a dar soluções para sua partitura até quando estava sonhando. Além da construção da *Estamira*, Dani também tem momentos na peça em que sai do personagem e fala de sua própria mãe, fazendo um recorte de momentos de sua vida que se encaixam na história da “profeta do lixão”. “Antes de fazer a peça eu sempre rezo para a minha mãe e para *Estamira*”, finaliza.

Rituais pré-cena: do uísque ao ioga

Alguns rezam, outros repetem suas falas baixinho, há ainda os que fazem exercícios físicos e os que tomam um gole de café, água ou uísque. Há, enfim, uma série de rituais feitos pelos atores antes de entrarem em cena. Mas a observação desses



Valentina Herzage em *Mate-me por favor*

gestos nos apresenta uma questão: com que objetivo eles são realizados?

A atriz Cintia Stern conta que antes de interpretar um personagem nos palcos, realiza um trabalho de autoconhecimento de seu corpo. “Faço ioga, meditação para limpeza do meu campo energético, agradecimento a todos os seres e pedido de proteção e transformação”, diz.

Adepta da filosofia dos chacras, a estudante do curso de artes cênicas da PUC-Rio acredita que esse exercício permite que o ator aprenda mais sobre o seu ser físico e energético e, assim, realize um trabalho mais verdadeiro e criativo. Os chacras, para o ioga, seriam centros energéticos dentro do corpo humano ligados diretamente aos sistemas endócrino e físico. “Tendo a consciência desses pontos, trabalhamos nosso conhecimento emocional e energético e entendemos onde cada coisa reverbera em nossos corpos”, adiciona.

No cinema, o período de pré-atuação pode ser ainda mais desafiador. É que as cenas são filmadas fora de ordem, o que pode requisitar uma concentração ainda maior do ator. Antes de começar a filmar *Mate-me por favor*, de Anita Rocha da Silveira, a atriz Valentina Herzage, que ganhou o prêmio de melhor atriz do Festival do Rio de 2015 e o prêmio Bisato D’Oro, em Veneza, conta que se preparou por três meses para viver a protagonista Bia e que os momentos antes das cenas eram cruciais para compor a personagem. “Era preciso resgatar internamente o estado da personagem naquele ponto da história. A partir de certa cena do filme, Bia mudou completamente e isso ia crescendo até seu estado mais perturbador. Nesse momento, a concentração tinha que vir, então procurava



Cena de peça encenada pela Companhia Atores de Laura

me localizar dramaturgicamente e partir de onde havia parado, às vezes duas semanas antes”, comenta a atriz.

Com a ajuda da preparadora de elenco Ana Kutner, diversas atividades eram propostas para que os atores se conectassem à história e entre si. Toda vez que uma pessoa nova chegava e juntava-se a quem já estava no processo, todos deitavam-se no chão, fechavam os olhos e a partir do contato físico era estabelecida uma conexão com esta pessoa. “Acho que o mais importante de todo esse processo era a confiança. Era preciso confiar no trabalho e nas pessoas que estavam envolvidas nele”, afirma Valentina. Ela também conta que a escrita foi muito trabalhada antes das gravações do filme, em textos sobre sexo, morte e também sobre os personagens. “Foi interessante ver o que se transformou desde os ensaios e o que ficou quando o filme estava pronto”, conclui.

Celeiros de criação

Daniel Herz, fundador da Companhia Atores de Laura e diretor de montagens premiadas como *O filho eterno* e a recente *O Pena Carioca*, não esconde a paixão pelo ofício de professor. Há mais de 20

anos, suas aulas na Casa de Cultura Laura Alvim são repletas de atores que estão iniciando ou querem se renovar na profissão. As aulas são, para Herz, um lugar de descobrimento e investigação: “É a ideia de que você pode ser a pessoa que oferece a possibilidade de dar um percurso para cada um. Um percurso de treino, no qual as pessoas realmente adquirirem conhecimento e traquejo, e ferramentas para se sentirem cada vez melhores atores. Isso é muito emocionante.”

O diretor também percebe sua própria evolução a partir das aulas. “A sensação que eu tenho é que aula é um celeiro, um laboratório para milhões de coisas. É um lugar que eu sempre vou com muita paixão porque para mim está sendo também uma pesquisa em cada cena que eu vejo”, comenta.

Herz diz que o ponto crucial da direção é a maneira de lidar com os limites psíquicos de cada um. “Porque às vezes você dá um toque que pode acionar uma dimensão de paranoias e inseguranças que saem pela culatra. Vai para o lado errado. É necessário um pouco do olhar de um terapeuta nesse sentido, que é você descobrir como puxar o melhor de cada um, como dizer a crítica”. 🐞

A companhia Atores de Laura

Daniel Herz era uma ator de 20 anos quando se percebeu angustiado com a instabilidade da profissão que tinha escolhido para sua vida. Ele se sentia “uma célula solta no espaço esperando o desejo de alguém”. Esse sentimento fez com que ele tivesse a ideia de criar uma companhia de teatro, um ambiente em que a instabilidade é um pouco diluída e que dá mais espaço para o processo de construção dos personagens criados, porque funciona também fora da lógica de mercado. Vinte quatro anos depois, a companhia Atores de Laura, que fez sucesso com a montagem O Pena Carioca em 2015, mantém encontros semanais para aprofundamento de seu novo trabalho, em parceria com o ator Marco Nanini



Eclética- Como começou o trabalho da companhia? E como é o trabalho de vocês?

Daniel Herz - A companhia tem 24 anos. Ela começou também com uma angústia minha, mas se você se relacionar com uma certa alegria com elas, por mais paradoxal que possa parecer, com alegria você consegue produzir coisas incríveis através dela. Uma angústia era ter a sensação de ser uma célula solta no espaço, porque um ator é uma pessoa sozinha, insegura, esperando alguém chamar ele para trabalhar. É muito perturbador isso porque os processos são curtos comparados com uma profissão “normal”. O processo de ensaiar uma peça, entrar em cartaz e a peça acabar é um processo de no máximo, em média, cinco meses e quando a peça faz muito sucesso, no máximo dois anos. Então que estabilidade profissional é essa que você consegue ter entre um e dois anos por projeto? Com 20 anos eu pensei que não ia aguentar isso, essa instabilidade. O outro aspecto é que nesse ambiente de companhia de teatro você pode aprofundar. Aprofundar a pesquisa de como fazer uma cena, uma linguagem...Por que isso? Porque você não tem aquela lógica do mercado, de se encontrar, ensaiar dois meses e estreiar. Você pode ensaiar seis meses,

nove meses, passar um ano ensaiando um projeto se o grupo decidir que é isso, vai ser isso. Então, movido por essas duas percepções eu falei: cara, eu quero fazer uma companhia de teatro.

E: E como os outros atores chegaram na companhia?

D.H.: E aí eu me juntei com a Susanna Kruger e a gente começou em cima de uma turma da Laura Alvim. A gente começou um processo e aí eu escrevi um texto com o Bruno Levinson chamado A entrevista que veio a ser a primeira peça da companhia. Nessa primeira peça tinham 21 atores, mas só três estão na companhia até hoje. Um diretor, que sou eu, e oito atores. Desses oito, três estavam nessa primeira montagem. A Ana Paula Secco, a Verônica Reis e o Luiz André Alvim. E os outros vieram depois. Mas o que é legal da companhia é que é um grupo que está junto há muito tempo. O caçula da companhia, que é o Leandro Castilho, está na companhia há 12 anos. O Charles Fricks está há 20 anos, o Anderson Mello e o Márcio Fonseca e o Paulo Hamilton também estão há 20 anos. E é uma experiência muito bacana, eu tenho muita alegria quando penso na companhia.

Para saber mais

<http://www.yoshioida.com/>

<http://www.teatropoeira.com.br/acontece/Estamira/116>

<http://cinefestivals.com.br/criticas/mate-me-por-favor-de-anita-rocha-da-silveira/>

<http://www.festivaldoriorio.com.br/br/filmes/mate-me-por-favor>

<http://www.atoresdelaura.com.br/>